

Cadeias Globais de Cuidado à Luz da Economia Feminista

Global Care Chains in the light of Feminist Economics

Brena Paula Magno Fernandez¹
Marieli Moraes Pereira²

Resumo: A revisão da literatura internacional e nacional acerca do fenômeno das cadeias globais de cuidado evidencia que a migração de mulheres advindas do Sul Global para desempenharem trabalhos de cuidado no Norte Global coloca em marcha efeitos bastante nefastos sobre as suas vidas e de suas famílias, evidenciando contradições latentes no sistema econômico sob a forma do acirramento das divisões entre mulheres de diferentes classes, etnias e nacionalidades. O artigo objetiva, por um lado, analisar a complexa dinâmica que envolve o fenômeno das migrações transnacionais de mulheres com vistas a desempenhar trabalhos de cuidados, nas distintas formas que estes podem assumir – remunerados, não remunerados; qualificados, não qualificados. Por outro lado e paralelamente, conduzimos, à luz da Economia Feminista, uma reflexão crítica acerca das contradições e dos (novos) problemas encetados pelo fenômeno das cadeias globais de cuidado, buscando colocar o cuidado com a vida no centro do debate.

Palavras-Chave: Cadeias Econômicas Globais; Economia Feminista; Empregadas Domésticas; Trabalho de Cuidado, Gênero.

Abstract: The review of the international and national literature on the phenomenon of global care chains shows that the migration of women from the Global South to perform care work in the Global North sets in motion very harmful effects on their lives and those of their families, evidencing latent contradictions in the economic system in the form of divisions between women of different classes, ethnicities and nationalities. The article aims, on the one hand, to detail the complex dynamics that involve the phenomenon of transnational migrations of women with a view to performing care work, in the different forms that they can assume – paid, unpaid; Qualified, unqualified. On the other hand and in parallel, we conducted, in the light of Feminist Economics, a critique of the contradictions and (new) problems initiated by the phenomenon of global care chains, which seeks to place the caring labor at the center of the debate.

Key-words: Economic Global Chains; Feminist Economics; Maids; Care work; Gender.

¹ Professora do Programa de Pós Graduação em Economia (PPGECO) e do Departamento de Economia da Universidade Federal de Santa Catarina. Coordenadora do Núcleo de Estudos em Economia Feminista (NEEF/UFSC/CNPq).

² Graduanda em Relações Internacionais (UFSC). Pesquisadora do NEEF.

Introdução

Em Economia Feminista, quando nos referimos ao termo “trabalho de cuidado” (em inglês, *caring labor* – quando não remunerado – ou *care work* – quando remunerado) fazemos alusão tanto a algumas tarefas concretas – que englobam todas as atividades que sustentam as condições básicas da vida e do bem-estar das pessoas, como cuidar da casa, preparar refeições, cuidar de crianças, idosos e enfermos, além de apoiar emocionalmente a família --, como a uma forma de entender o sistema socioeconômico que coloca a vida no centro, e isso em sentido amplo. De fato, se não há vida, não existem mercados, nem compra e venda, nem Produto Interno Bruto, nem concorrência, nem cooperação; numa palavra, não existe economia.

Da perspectiva da Economia Feminista, analisar o conceito de trabalho de cuidado equivale a trazer à luz a base invisível de nosso sistema econômico, atravessada por desigualdades de gênero, raça e classe social. Segundo esse recorte analítico, existe um eixo transversal que perpassa toda a economia, e que reparte os trabalhos em termos de gênero em conexão com outros marcadores de desigualdade (Carrasco, 2006; Picchio, 1994). Histórica e socialmente, a responsabilidade pelos trabalhos de cuidado sempre recaiu preferencialmente sobre os ombros das mulheres, que grande parte das vezes ao redor do mundo os realizam sem qualquer contrapartida financeira. Como explica Pérez Orozco (2010, p. 2):

A associação do cuidado com a mulher funciona de duas maneiras. Em um nível simbólico, sua relação com a feminilidade resulta de uma desqualificação inerente do conhecimento que este tipo de trabalho exige. Uma vez que é considerado “natural” que as mulheres dele se encarreguem, não é considerado um trabalho qualificado ou mesmo um trabalho. O cuidado é “naturalizado” e torna-se uma capacidade definidora da “mulher-mãe”, que é responsável não apenas por seus filhos biológicos, mas por todos os membros da sociedade. No nível material, as responsabilidades do trabalho de cuidado são adjudicadas às mulheres, seja por execução direta ou por sua gestão no caso de compra de cuidados no mercado ou utilização de serviços públicos.

Quando é exercido de forma não remunerada, o trabalho de cuidado (*caring labor*) também costuma ser chamado de “trabalho invisível” e/ou de “trabalho reprodutivo” – aqui com um triplo sentido: por fazer referência à reprodução da vida (humana), à reprodução do

sistema econômico (capitalista) e por ser “lado B” do “trabalho produtivo”³. As características, peculiaridades e a absoluta premência do trabalho de cuidado/reprodutivo como base de sustentação da economia e das sociedades já são estudadas desde a fundação da perspectiva teórica que hoje chamamos de Economia Feminista, entre meados da década de 1990 e o final do século XX (Folbre, 1995; Himmelweit, 1996; England; Folbre, 1998; Nelson, 1999).

Sobre o contexto mais ampliado da mercantilização dos trabalhos de cuidado – agora remunerados (*care work*) – e realizados a nível global na esteira do processo da globalização econômica, logo no início do século XXI começaram a ser publicados os primeiros estudos acerca da migração de trabalhadoras dos países do Sul Global para atender ao chamado *deficit de cuidado* dos países do Norte Global. Com efeito, o conceito de *cadeias globais de cuidados* foi cunhado originalmente por Hochschild (2001) para explicar as relações entre as trabalhadoras migrantes que cuidam dos filhos de outras nos países destino, bem como daquelas mulheres que são deixadas para substituí-las, cuidando dos filhos que ficaram no país de origem.

O conceito busca refletir as interconexões que ocorrem em um quadro internacional entre mães que contratam cuidados para seus filhos no mercado e outras que prestam este serviço de forma remunerada, tendo que encontrar uma forma de cuidar de seus próprios filhos nos países onde originalmente residiam. Assim, as cadeias globais de cuidados podem ser definidas como “uma série de laços entre pessoas de todo o mundo com base no trabalho de cuidado remunerado ou não remunerado, onde cada cuidador depende de outro cuidador” (Zimmerman, Litt; Bose, 2006: p. 13). Em suma, o conceito desenvolve a lógica que vincula cuidado e trabalho, tanto remunerado quanto não remunerado, especializado e não especializado, em escala global, capturando também, como teremos oportunidade de analisar, o fenômeno da internacionalização das famílias e dos domicílios.

Existem múltiplas dificuldades analíticas encontradas quando se pretende estudar o impacto macrossocial da globalização do cuidado: 1) a invisibilidade do cuidado só recentemente começou a ser abordada nos países centrais; 2) a invisibilidade do cuidado é intensificada nos países de origem e as ferramentas analíticas aplicadas são inadequadas; e 3) os estudos sobre o cuidado em geral são baseados em uma metodologia implicitamente nacionalista (e não transnacional) (Pérez Orozco, 2010). Estas podem ser algumas das razões pelas quais o número de estudos acerca deste fenômeno ainda seja extremamente reduzido,

³ Paradoxalmente, exatamente as mesmas atividades de cuidado, quando exercidas no âmbito do mercado e recebendo uma contrapartida financeira, se tornam “trabalho produtivo”.

mesmo nos países centrais. Não obstante o caráter ainda exploratório deste tipo de pesquisa, algumas rotas transnacionais de migração de mulheres provenientes de países periféricos para suprir a demanda de países centrais por trabalho de cuidado já foram identificadas, encontrando-se os respectivos artigos disponíveis na literatura sobre o tema. Algumas destas rotas internacionais costumeiras são, por exemplo, a migração de mulheres do México, América Central e Caribe para os Estados Unidos; da República Dominicana, do Equador, do Peru e do Marrocos para a Espanha; da Tailândia para Hong Kong; da Arábia Saudita e do Kuwait para o Canadá (Yeates, 2005).

No Brasil, o atraso nas pesquisas na área é ainda maior, já que o tema começou a ser investigado de forma mais sistematizada há menos de uma década, o que torna as pesquisas sobre a migração de brasileiras para trabalharem no setor de cuidados no exterior, com maior razão, mais incipientes. Algumas rotas de mulheres migrantes brasileiras já apontadas na literatura são: jovens migrando para os Estados Unidos e Europa para desempenharem o serviço de babás (*Au Pairs*) e mulheres mais velhas para trabalharem como cuidadoras de idosos em Portugal (ver, por exemplo, Siqueira, 2016; Mousinho, 2019; Silva, 2021; Oliveira, 2023; Redondo, 2024). No entanto, nenhuma destas pesquisas conduz uma reflexão analítica mais aprofundada acerca do conceito das cadeias globais de cuidado envolvendo as críticas originalmente formuladas pela Economia Feminista. Com o intuito de contribuir para o preenchimento dessa lacuna teórica é que se justifica a pesquisa aqui apresentada. Do ponto de vista da metodologia, o trabalho, de caráter qualitativo, se pauta na análise crítica da literatura internacional e nacional tanto do *trabalho de cuidado* à luz da Economia Feminista quanto do fenômeno mais recente do surgimento das *cadeias globais de cuidado*.

O artigo está composto de quatro seções, contando esta introdução. A seção 2 recupera as características originais do trabalho de cuidado, segundo a ótica da Economia Feminista. Na seção 3, procuramos analisar a complexa dinâmica que envolve as migrações transnacionais de mulheres com vistas a desempenhar trabalhos de cuidados sejam eles remunerados ou não remunerados, qualificados ou não qualificados. Ainda na mesma seção, paralelamente conduzimos uma crítica das contradições e dos (novos) problemas encetados pelo fenômeno das cadeias globais de cuidados, visando colocar o cuidado com a vida no centro do debate. Na seção das considerações finais, fazemos um apanhado geral de nossos principais argumentos, indicando duas linhas de investigação possíveis para desdobramentos futuros na área, a partir dos resultados a que se chegou neste texto.

2. Trabalho reprodutivo / Trabalho de cuidado não remunerado e remunerado segundo a ótica da Economia Feminista

O trabalho de cuidado é incontornável em todas as sociedades, apesar de sua invisibilidade social e de seu não-lugar dentro da discussão econômica tradicional. Cada membro da sociedade, em alguns momentos de sua vida, encontrar-se-á em intensa relação com o cuidado, seja necessitando prestá-lo, seja sendo destinatário dele. Devido ao seu baixo grau de autonomia, durante toda a primeira infância as crianças são, por excelência, as destinatárias preferenciais para receber cuidado constante. Tradicionalmente, o papel de cuidador primário recaía sobre as mães, entendidas como as mais qualificadas para esse papel. Mais recentemente, com o fenômeno do envelhecimento da população e o aumento crescente do segmento demográfico dos idosos, a necessidade de cuidados voltados para essa parcela da população igualmente vem ganhando visibilidade, reconhecimento e destaque cada vez maiores (Gorfinkel, 2008). No entanto, segundo Hirata (2010), o trabalho de cuidado deveria ser dissociado de gênero, idade ou condição de saúde, justamente porque atinge, com maior ou menor intensidade, todos os indivíduos da sociedade.

No plano teórico-metodológico, a Economia Feminista aponta uma crítica que – em maior ou menor medida – é transversal a todas as demais correntes econômicas, sejam elas ortodoxas ou heterodoxas. Trata-se do fato de que elas se restringem à investigação dos problemas que estão circunscritos ao mercado, à produção para o mercado, ao trabalho que é desempenhado no mercado e/ou à maneira como os agentes econômicos supostamente se comportam no mercado. No entanto, elas não levam em conta a enorme quantidade de trabalho não remunerado⁴ que é realizado no interior das residências e que serve para reproduzir a vida – ou seja, tanto a manutenção das condições de existência física e emocional dos trabalhadores da geração presente, quanto da próxima geração de trabalhadores para o mercado (Fernandez, 2018).

Nesse sentido, a primeira distinção teórica que precisa ser analisada diz respeito ao trabalho de cuidado realizado majoritariamente por mulheres no interior de suas residências – invisível e não pago – (*caring labor*) e o trabalho de cuidado realizado majoritariamente por mulheres no mercado de trabalho – visível e (mal) pago (*care work*). Seja realizado de forma

⁴ O relatório da OXFAM Internacional publicado em 2020 calcula que o valor monetário global do trabalho de cuidado não remunerado prestado por mulheres e moças a partir dos 15 anos de idade seja de aproximadamente US\$10,8 trilhões por ano, valor três vezes maior do que o estimado para todo o setor de tecnologia no mundo. (OXFAM, 2020).

não remunerada, seja de forma remunerada, o trabalho de cuidado condiciona tanto a possibilidade (ou não) de inserção das mulheres no mercado de trabalho formal quanto a qualidade desta inserção (Picchio, 1999). Ademais, também revela, de partida, uma cisão entre duas categorias de mulheres – aquelas que conseguirão terceirizar o trabalho de cuidado que lhe cabia (via de regra, por meio da contratação de outra/s mulher/es), e aquelas que serão obrigadas a realizá-los elas próprias. De todo modo, em qualquer dos casos, uma série de consequências advém dessa responsabilidade, conforme esquematizado no quadro 1, abaixo:

Quadro 1: Consequências dos Trabalhos de Cuidado Não Remunerados e Remunerados no contexto das Economias Nacionais

<p style="text-align: center;">Não Remunerados <i>Caring labor</i></p>	<p style="text-align: center;">Remunerados <i>Care work</i></p>
<ul style="list-style-type: none"> • Pobreza de tempo (de lazer, descanso, participação social e política, estudo etc.) • Condicionam uma inserção precária no mercado de trabalho • Maior susceptibilidade ao desemprego, subemprego, informalidade, falta de proteção social. 	<ul style="list-style-type: none"> • São socialmente desvalorizados (salários baixos) • Falta de oportunidades de melhorar a condição econômica das mulheres que os desempenham devido às obrigações da dupla jornada. • Associação aos fenômenos do “teto de vidro e “piso pegajoso”

Fonte: Elaboração própria com base em: Carrasco, 2006; Rodríguez Enríquez, 2015 e Fernandez, 2019).

Em primeiro lugar, vejamos os casos dos trabalhos de cuidado não remunerados (coluna à esquerda do quadro 1), ou seja, quando as mulheres realizam elas próprias os trabalhos de cuidados de suas famílias e residências, independente do fato de (também) trabalharem fora ou não. Por ser esta uma forma de trabalho extenuante e que ocupa muitas horas por dia, de todos os dias, uma primeira consequência dessa exclusiva responsabilidade pelos cuidados as coloca numa situação de *pobreza de tempo*. Seja para o próprio autocuidado, para o lazer, participação cidadã ou para investir na sua formação profissional ou pessoal através de tempo de estudo, as mulheres sempre estarão em situação de desvantagem

comparativamente aos homens em decorrência direta de suas responsabilidades no lar (Rodríguez Enríquez, 2015).

Num efeito dominó, caso essas mulheres desejem ou necessitem (ainda) trabalhar fora de casa, acumulando a segunda parte da conhecida “dupla jornada”, a sua inserção no mercado de trabalho, de partida, pelo simples fato de ser mulher (e de os empregadores serem conhecedores de sua condição de responsáveis pelos trabalhos de cuidado) já as coloca em situação de *inserção precária no mercado de trabalho* (Carrasco, 2006). Por precisarem cumprir com sua jornada de trabalho de cuidado em casa, via de regra as mulheres procurarão empregos com horários flexíveis, jornada laboral reduzida, mais próximos de suas residências, e não estarão disponíveis para fazer horas-extra, trabalhar finais de semana, viajar a serviço ou almoçar e/ou jantar com clientes etc. Todas estas restrições as colocam em situação de patente desvantagem comparativamente aos homens não apenas no que diz respeito à sua possibilidade (ou não) de contratação, mas também em relação ao salário que poderão auferir em suas funções. Como a sua inserção é mais precária desde o início, como consequência também estarão mais susceptíveis ao *desemprego*, a *subempregos*, à *informalidade* e portanto à *falta de proteção social* em comparação com a situação enfrentada no mercado de trabalho pelos varões.

Já quando o trabalho de cuidado é oferecido no mercado de trabalho formal (coluna à direita do quadro 1), ele faz parte de um nicho com características bastante próprias que, em muitos sentidos, reproduz as tarefas que as mulheres sempre desempenharam de modo “invisível”, desvalorizado e não pago em casa. De fato, também no mercado formal esse trabalho permanecerá socialmente desvalorizado, o que se expressa nos *baixos salários* daquelas/es que a ele se dedicam. Empregadas domésticas, babás, cuidadoras de idosos, enfermeiras e professoras de educação infantil são todas profissões que fazem parte do rol dos trabalhos social e historicamente reputados como “femininos”, estando hierarquicamente localizados abaixo daqueles tipos de trabalho socialmente valorizados, prestigiosos e muito bem pagos, associados ao universo do “masculino”.

Também aqui, a questão da dupla jornada e da pobreza de tempo é imperiosa, e com um agravante: no caso das mulheres que se encontram nestas situações, é extremamente difícil conseguir oportunizar a melhora de suas condições econômicas, tendo em vista que elas se encontram presas em uma situação que tanto as mantém fixadas na base da pirâmide econômica, quanto as impede de escalar posições mais vantajosas (as metáforas do “teto de vidro” e do “piso pegajoso” ilustram de forma exemplar tais circunstâncias) (Fernandez, 2019).

Ao fim e ao cabo, na passagem entre a coluna da esquerda para a coluna da direita do quadro 1 uma primeira cisão entre diferentes mulheres aparece, que não pode ser apenas explicada pelo

marcador *gênero*, mas precisa incluir camadas adicionais de complexidade, interseccionando o gênero com as categorias analíticas da *raça* e da *classe social*, por exemplo. Isso porque as mulheres que precisam contratar – outras mulheres – para desempenhar os trabalhos de cuidado que elas próprias não podem ou não desejam desempenhar, estão em uma situação de claro privilégio frente àquelas que precisam se submeter a um tipo de trabalho extenuante e mal pago por não ter alternativa.

De modo bastante geral, podemos dizer que os trabalhos de cuidado historicamente sempre foram estabelecidos em torno de eixos de desigualdade: eles sempre fluíram de quem estava em uma posição de maior opressão para aqueles que estavam em posição de maior privilégio, das mulheres para os homens, de classes populares para as classes altas, da população negra, mestiça ou indígena para a população branca, do interior para os centros urbanos, do Sul Global ao Norte Global, da população migrante para a população autóctone. Ou seja, os trabalhos de cuidado sempre foram desempenhados mediados pela desigualdade de fluxos assimétricos, ou cadeias de desigualdade. Nesse sentido, o fenômeno das *cadeias globais de cuidado*, em sua essência, não é totalmente novo. Sua grande novidade consiste no caráter global que ele vem adquirindo ao longo das últimas décadas, a partir do fenômeno da globalização. Essa nova dimensão global coloca mais ao centro a dimensão da *racialização*, da *classe social* e do *status* migratório como *elementos de desigualdade*.

3. Cadeias globais de cuidado: características, dinâmica e contradições

Como parte das chamadas políticas de cuidado, alguns Estados europeus adotaram a implementação de instituições de cuidados para crianças e idosos, porém as políticas neoliberais das últimas décadas levaram os governos a pararem de financiar essas instituições, gerando um rápido processo de mercantilização desses cuidados. Significa dizer que, pelo menos desde o final do século XX, com a crise da dívida da década de 1980 e os ajustes estruturais realizados pelos governos, atravessam a assim chamada “crise dos cuidados”. Esta é decorrente de uma complexa combinação entre pelo menos seis fatores: i) o aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho formal⁵, ii) a crescente queda das taxas de natalidade e o conseqüente iii) processo de nuclearização das famílias, iv) o aumento da expectativa de vida e v) o envelhecimento da população daí decorrente, juntamente com vi) a

⁵ A jornada dupla – trabalho no mercado e trabalho doméstico/de cuidado – sempre foi normal para mulheres operárias e camponesas, uma vez que, por necessidade, esse grupo de sempre trabalhou fora de casa. No entanto, essa é uma experiência relativamente recente para as mulheres das classes médias/alta – que, com fluxos e refluxos, só começaram a aumentar de maneira mais consistente o seu ingresso no mercado de trabalho bem mais recentemente, a partir de meados do século XX (Fernandez, 2023).

retirada, por parte do Estado, da oferta de serviços de cuidado que antes da implementação da agenda neoliberal eram oferecidos à população (Fudge, 2012; Rai; Hoskyns, 2016).

Com a deterioração do Estado de bem-estar social nos países ricos e as altas taxas de desemprego e baixos salários gerados por políticas neoliberais nos países pobres, famílias mais abastadas têm buscado terceirizar o trabalho doméstico e de cuidados, abrindo assim canais de migração. Com efeito, na tentativa de contornar esta crise, as famílias de diversos países do Norte Global vêm sendo levadas a introduzirem um novo ator nas suas dinâmicas familiares: a figura da cuidadora (babás de crianças e/ou empregadas domésticas que acumulam ambas as funções).

A demanda por trabalho doméstico é um fator chave na abertura de canais de migração para mulheres em busca de melhores empregos e oportunidades. A falta ou a ineficiência na oferta de serviços de cuidados para crianças, idosos e doentes por parte do Estado, somada aos demais fatores acima elencados, têm levado as mulheres dos países ricos a terceirizar esses serviços, contratando outras mulheres – geralmente migrantes e/ou de minorias raciais – para executar estas funções (Kofman, 2016).

Na América Latina, que fornece grande parte desse tipo de mão de obra proveniente do Sul Global, o emprego doméstico e os trabalhos de cuidado sempre estiveram vinculados à figura da servidão/escravidão, desde os tempos coloniais. Este tipo de serviço, quando prestado de forma remunerada, sempre possuiu uma forte marca de desigualdade não apenas por gênero, como também pela cor/raça/etnia.

Tendo sido mercantilizado, o trabalho de cuidado nos países receptores de mulheres migrantes foi se expandindo com características bastante próprias. Como historicamente o cuidado tem sido relegado ao âmbito privado e associado de forma quase natural ao universo feminino, as mulheres migrantes são consideradas aptas para o exercício dessa atividade devido às qualidades inatas que são a elas atribuídas, independentemente das qualificações ou da experiência prévia acumulada que possam ter adquirido. Como regra geral, não há treinamento ou requisitos específicos para realizar o trabalho de cuidado não especializado (babás e empregadas domésticas) dentro das residências de forma remunerada, apenas a predisposição e o tempo para realizá-lo (Gorfinkel, 2008).

Entretanto, como muitos Estados (ou empregadores privados) dão preferência a trabalhadoras com alguma formação ou treinamento na área, também existem aquelas que migram para atuar em trabalhos de cuidados e que já possuem qualificação profissional adquirida no seu país de origem (por exemplo, enfermeiras e/ou cuidadoras de idosos). Neste

segundo caso, elas migram devido à falta de oportunidades de emprego e a necessidade de melhores salários para manterem suas famílias em seus países de origem (D'Souza, 2010).

Numa palavra, para definir as cadeias de cuidados é necessário ter em mente que a globalização implica na internacionalização crescente de uma gama diversificada de trabalhos de cuidado, que congrega tanto aqueles remunerados quanto os não remunerados, os qualificados e o não qualificados, conforme informações esquematizadas no Quadro 2, que passamos a analisar na sequência:

Quadro 2: Tipologia dos Trabalhos de Cuidado Remunerados e Não Remunerados, Qualificados e Não Qualificados, no contexto das *Cadeias Globais de Cuidados*

<p style="text-align: center;">Remunerados <i>Care work</i></p>	<p style="text-align: center;">Não Remunerados <i>Caring labor</i></p>
<ul style="list-style-type: none"> • Trabalhos de cuidado qualificados (enfermeiras, cuidadores de idosos) • Trabalhos de cuidado não qualificados (empregadas domésticas, faxineiras, babás) 	<ul style="list-style-type: none"> • Casamentos transfronteiriços • Reunificação familiar para fins de trabalho de cuidado

Fonte: Elaboração própria com base em Gorfinkiel, 2008 e Pérez Orozco, 2010.

Começando pela coluna à esquerda do quadro 2, referente aos trabalhos de cuidado remunerados, poderíamos pensar na subdivisão entre aqueles que exigem algum grau de qualificação profissional, em termos de anos de estudos/formação específica⁶, como por exemplo as enfermeiras e cuidadoras de idosos, e aqueles que não são qualificados, a exemplo do trabalho desempenhado pelas empregadas domésticas, faxineiras e babás.

Sabemos que o envelhecimento da população dos países desenvolvidos tem aumentado a demanda por trabalhadores da área da saúde, seja para atendimento em clínicas especializadas e hospitais, seja para atendimento domiciliar. Ou seja, pelo lado da demanda

⁶ Enloé (2014) define uma hierarquia de trabalhadores de cuidado migrantes de acordo com suas funções e condições de trabalho: no topo da pirâmide estão mulheres que possuem vistos temporários para trabalho como enfermeiras e *Au Pairs*; depois vêm as mulheres que cuidam de idosos, cujo trabalho requer certas habilidades e, às vezes, até formação profissional e cuja demanda tem aumentado significativamente. Em seguida vêm as mulheres que são contratadas para serviços de limpeza e cuidados, mas não moram na residência do empregador, e por último vêm as trabalhadoras domésticas migrantes que moram na casa do empregador, que são as mais vulneráveis.

destes serviços, diversos destes países do Norte Global possuem déficit de profissionais com formação nestas áreas, recorrendo à importação dessas trabalhadoras. Já pelo lado da oferta, nos países do Sul Global, o baixo investimento no setor de saúde pública e de cuidados tem aumentado as taxas de desemprego e piorado as condições de trabalho, o que incentiva a migração de mulheres formadas ou especializadas nestas áreas (Brush; Sochalski, 2007).

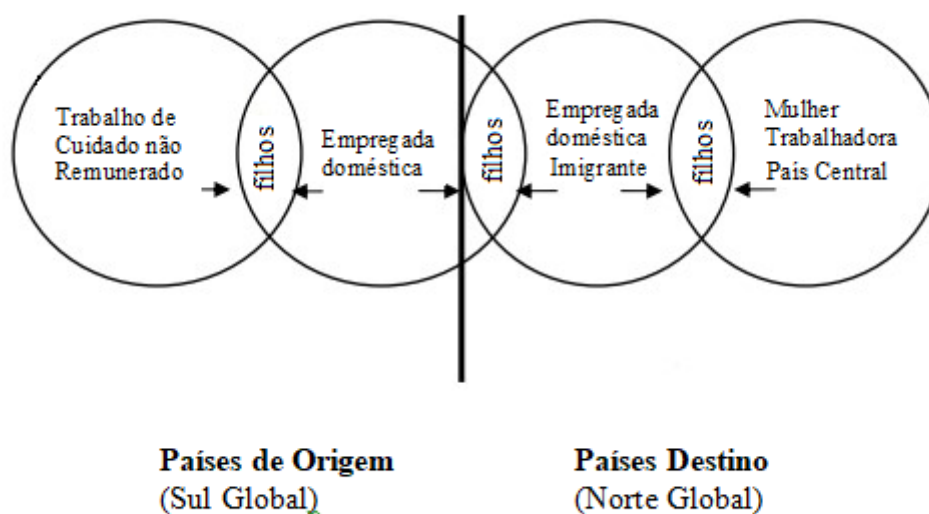
No que tange os trabalhos de cuidados não qualificados, de empregadas domésticas, faxineiras e babás, “esse processo é estruturado e mediado por gênero, raça e classe social, visto que famílias com maior renda e melhor *status* social⁷ terceirizam o trabalho de cuidado para mulheres mais pobres” (Gammage, 2021, p. 227). Essa terceirização é marcada pelo gênero, dado que as mulheres desproporcionalmente realizam o trabalho de cuidados tanto no Norte Global como no Sul Global. E “[...] a contratação de mulheres migrantes para a realização do trabalho doméstico tende a manter a tradição que vê o trabalho doméstico como “trabalho de mulher” -- apenas passando o trabalho de uma mulher para outra” (Pettman; Hall, 2015, p. 258).

De fato, tanto nos países de origem quanto nos países destino, a maioria das mulheres não vivem em suas residências uma relação de divisão igualitária do trabalho doméstico, necessitando usar seus privilégios de classe e/ou raça (caso os possuam) para, quando possível, terceirizar seu trabalho doméstico e de cuidados para mulheres menos privilegiadas. Essa divisão sexual, de raça/etnia e de classe social do trabalho perpetua ciclos de pobreza e desigualdade, já que, como discutido anteriormente, muitas vezes as mulheres que os desempenham ficam presas em papéis de cuidado que dificultam seu desenvolvimento profissional.

Os novos empregos de prestação de cuidados são majoritariamente ocupados por mulheres imigrantes provenientes de países em desenvolvimento que, em muitos casos, também são mães e, portanto, com responsabilidades familiares próprias. Quando seus filhos permanecem nos países de origem, cria-se o que tem sido chamado de *cadeias globais de cuidados*, conforme ilustrado na figura abaixo. (Gorfinkiel, 2008).

⁷ De fato, contratar outras mulheres para realizar serviços domésticos e de cuidados só é uma opção para famílias de maior renda. Então, mesmo nos países do Norte Global as famílias mais pobres precisam encontrar outras maneiras de lidar com a segunda parte da dupla jornada.

Figura. Inserção do trabalho remunerado não qualificado das Mulheres do Sul Global na Cadeia Global de Cuidado



Fonte: Elaboração própria, adaptado de Gorfinkiel, 2008, p. 80.

Na cadeia global de cuidados, a demanda por trabalho doméstico na família do país destino é atendida por uma migrante de um país em desenvolvimento do Sul Global. As cuidadoras, em muitos casos, também são elas próprias mães, por isso devem combinar os cuidados que prestam remunerados com a lacuna que deixaram nos cuidados dos de seus próprios filhos e famílias, no país de origem. Em decorrência da divisão sexual do trabalho nas famílias de origem, elas não podem esperar que os seus maridos ou companheiros assumam sua carga de trabalho doméstico e de cuidados em sua ausência. Por essa razão, os filhos dessas mulheres permanecem aos cuidados de outras mulheres da família, seja uma avó ou uma filha mais velha que fica responsável pelos irmãos menores. No final da cadeia global de cuidados, essa filha passa a desempenhar o papel de mãe, cuidando sem remuneração de seus irmãos mais novos, o que acarreta menos tempo livre para brincar, estudar, descansar ou trabalhar fora de casa. Ou seja, a referida *pobreza de tempo* anteriormente discutida no contexto das Economias Nacionais, que reaparece agora “transferida” para uma mulher da geração posterior ou anterior da família da cuidadora.

Numa palavra, à medida que o trabalho de cuidado é (re)passado para baixo ao longo da cadeia, ele diminui de valor até tornar-se não remunerado no final. Alternativamente, a mãe da migrante (avó das crianças) ou a filha da migrante (irmã das crianças) cuida de seus netos ou irmãos. Essa responsabilização das avós e/ou filhas é uma configuração bastante

comum nas sociedades de emigração. No caso das mulheres mais velhas da família ele é particularmente perverso, na medida em que estas podem experimentar até quarenta ou cinquenta anos de responsabilidade contínua na criação dos filhos/netos. Embora todas as mulheres da cadeia sintam que estão fazendo a “coisa certa” para as suas famílias, os custos ocultos repassados para a geração futura não são desprezíveis (Carling, 2005; Hochschild 2000).

Surge a figura das famílias transnacionais, que são aquelas cujos membros estão localizados em pelo menos dois países. Ainda que não morem juntos, “membros de famílias transnacionais compartilham recursos, mantêm um senso de responsabilidade coletiva pelo bem-estar um do outro e cumprem os deveres esperados deles como parentes” (Parreñas, 2015, p. 53). Ou seja, seus membros vivem separados, mas ainda se mantêm unidos, gerando um processo de reprodução social além das fronteiras. Em comunidades migrantes, famílias transnacionais são a norma e não a exceção. Mas a migração dos pais, principalmente das mães, afeta muito os filhos: a separação da família pode impactar negativamente sua saúde mental e sua *performance* escolar (Sørensen; Vammen, 2014). Além disso, crianças em famílias transnacionais são mais vulneráveis a abusos (Parreñas, 2015).

Então, é o trabalho das migrantes e a separação física de suas famílias que permite às mulheres mais abastadas do Norte Global participarem ativamente das atividades laborais remuneradas de seus países, enquanto produzem e mantêm um setor econômico marcado pela informalidade, salários baixos, precarização e desvalorização, bem como relações de exploração e abusos (Ramos, 2014). Conforme o número de migrantes aumenta, “acontece uma “drenagem de cuidados” ou uma grande transferência de recursos de cuidados dos países que enviam migrantes para os que recebem” (Gammage, 2021, p. 226).

Retornando à análise das categorias apresentadas no quadro 2, com relação ao trabalho não remunerado (segunda coluna), teríamos que considerar a crescente onda de matrimônios transnacionais, mistos, entre pessoas migrantes e autóctones, que se realizam em função da necessidade de resolução de trabalhos de cuidados e/ou a reunificação de familiares para se encarregarem de trabalhos de cuidados quando não há outra maneira de as mulheres imigrantes conciliarem a vida concreta no país destino. Como constituem um subgrupo bastante específico dentro das migrações transnacionais de mulheres e com peculiaridades muito próprias – que podem incluir, inclusive, tráfico de mulheres para exploração sexual sob o disfarce de propostas de casamento –, existe toda uma literatura específica destinada a investigar as características e idiosincrasias dessa categoria. (Quek, 2018).

Do ponto de vista financeiro, puramente mercadológico, tanto os países de origem quanto os países que recebem as trabalhadoras migrantes são beneficiados. Os países de origem recebem remessas de dinheiro, que atualmente configuram uma das maiores fontes de investimento externo dos países em desenvolvimento, “aumentando as reservas internacionais, balanceando os déficits, reduzindo o desemprego e aumentando o consumo interno” (D'Souza, 2010, p. 6). Já os países que recebem as trabalhadoras migrantes são beneficiados com a integração de suas cidadãs no mercado de trabalho e com a economia de capital que, se não fosse a migração que supre o trabalho de cuidado, teria que ser usado para prover instituições de cuidados para crianças, idosos e doentes (D'Souza, 2010). Os sistemas de saúde do Norte Global e de regiões mais ricas também se beneficiam da migração do trabalho de cuidado, visto que cuidadores, médicos e enfermeiras treinadas no Sul Global também migram em busca de trabalho (Gammage, 2021).

No entanto, dada a complexidade do cenário tipificado pelos quatro grupos ou tipos de migrações possíveis para o desempenho de trabalho de cuidado, esquematizados no quadro anteriormente apresentado, os impactos ambivalentes e/ou contraditórios da globalização dos cuidados nos agregados familiares precisariam ser avaliados em pelo menos três níveis: 1) os agregados familiares dos empregadores nos países de destino: a contratação de mão-de-obra adicional para o trabalho de prestação de cuidados não é uma solução milagrosa, já que cria novos problemas ao tentar solucionar os problemas anteriores; 2) domicílios transnacionais: há resultados contraditórios entre as diferentes áreas que garantem a reprodução material e emocional; 3) os agregados familiares dos empregados migrantes do país de origem: Essas famílias muitas vezes sofrem uma violação grosseira de seus direitos de cuidado (Pérez Orozco, 2010).

Ao migrar para países desenvolvidos em busca de melhores oportunidades, essas mulheres enfrentam uma sobrecarga dupla: assumem responsabilidades familiares em seus países de origem, muitas vezes à distância e com recursos limitados, e, ao mesmo tempo, dedicam-se intensamente ao cuidado de outras famílias em seus países de destino. Esse ciclo vicioso de oferta e privação de direitos ao cuidado revela a natureza profundamente desigual das cadeias globais de cuidado. De fato, a própria existência destas cadeias a nível global significa a “impossibilidade de estas mulheres manterem uma relação pessoal com seus próprios filhos, o que coloca o dilema de que precisamente um mercado de trabalho originado para facilitar a vida familiar ocasione, em alguns grupos, consequências opostas.” (Gorfienkel, 2008, p. 87).

O trabalho de cuidado, nesse contexto, transforma-se em uma espécie de *commodity global*, demandada pelas sociedades mais ricas para suprir as lacunas deixadas pela crescente participação das mulheres no mercado de trabalho formal. No entanto, essa demanda é atendida à custa da exploração de trabalhadoras migrantes, que muitas vezes enfrentam condições de trabalho precárias, salários baixos e ausência de direitos trabalhistas. As cadeias globais de cuidado, portanto, não apenas exportam as desigualdades sociais, mas também as intensificam, ao criar um sistema em que os países desenvolvidos importam o trabalho de cuidado e os países em desenvolvimento exportam uma crise de cuidado.

O foco nas cadeias de cuidado destaca a forma como as relações de gênero na origem e no destino estão ligadas no processo migratório. Os problemas criados pela divisão sexual do trabalho nos países industrializados não são resolvidos, mas repassados a outras mulheres: a contratação de uma trabalhadora doméstica em tempo integral significa que as estruturas domésticas e de trabalho patriarcais podem permanecer sem questionamento, já que “se os pais em todo o mundo compartilhassem os cuidados infantis de forma mais equitativa, os cuidados seriam distribuídos lateralmente em vez de serem transmitidos para uma escada global de classe social” (Hochschild 2000, p. 6). De fato, as cadeias globais de cuidado propiciam que a emancipação das mulheres dos países do Norte Global se dê através da exploração da mão de obra de mulheres do Sul Global:

a emancipação da mulher nativa não se dá por uma mudança das estruturas de gênero no âmbito familiar, com uma consequente renegociação da divisão do trabalho junto ao varão, ou pela reivindicação de políticas públicas que valorizem o trabalho doméstico. A solução paliativa está em descarregar nas mulheres migrantes as responsabilidades domésticas, negando-lhes, com frequência, o direito de cuidar de seus próprios filhos.” (Marinucci, 2007, p. 8).

A conexão entre trabalho de cuidados migrante, globalização e a privatização da reprodução social tem sido denominada de “nova ordem doméstica mundial”, “nova divisão internacional do trabalho reprodutivo” ou de “economia transnacional do trabalho doméstico” (Fudge, 2012). Para abordar essas questões, é necessário implementar políticas que protejam os direitos dos trabalhadores migrantes, promovam condições de trabalho justas e desafiem as normas de gênero que sustentam essas desigualdades (Torralbo, 2016).

Como procuramos argumentar, até o presente momento as soluções encontradas para a reconciliação de um grupo específico da população acabaram por obliterar questões mais

profundas que permanecem sem solução, bem como os (novos) problemas criados nas famílias dos cuidadores. Se o cuidado remunerado for considerado uma opção válida para alcançar a organização familiar diária, será necessário melhorar as condições e o *status* dos cuidadores. Não só a importância do papel das/os cuidadoras/es na sociedade terá de ser reconhecida (juntamente com o reconhecimento geral da relevância dos cuidados na sociedade), mas também é necessário que o estatuto legislativo de suas condições de trabalho seja alterado, por meio da elaboração de políticas que também lhes permitam desfrutar de uma vida familiar digna.

4. Considerações Finais

O trabalho de cuidado remunerado sempre existiu e sempre esteve vinculado à migração, do campo para a cidade, de cidades pequenas e pouco desenvolvidas para cidades grandes e mais pujantes economicamente, transfronteiriça entre países e ele sempre foi um trabalho de mulheres pobres, no sentido possuírem necessidades prementes e pouca ou quase nenhuma capacidade de escolha no mercado de trabalho.

O fenômeno relativamente mais recente das cadeias globais de cuidado se insere no processo mais amplo da globalização e da mercantilização de todas as esferas da vida humana, sendo uma de suas dimensões fundamentais, conquanto simultaneamente uma das mais invisibilizadas. Com efeito, o que costumeiramente se pesquisa são os fenômenos econômicos atrelados à globalização financeira, aos fluxos de dados e/ou à globalização na produção das mercadorias. No caso em pauta, o âmago da questão reside na constatação que o trabalho de cuidados reflete uma desigualdade estrutural e um conflito global profundo: por um lado, este tipo de trabalho é essencial para o funcionamento da vida, da economia e das sociedades. Por outro, sua invisibilidade mascara as disparidades de gênero, raça e classe social e as pressões enfrentadas pelas mulheres – especialmente as migrantes –, que desde algumas décadas passaram a realizar deslocamentos (agora) transnacionais em busca de sobrevivência e melhores condições financeiras para suas famílias.

As mulheres migrantes desempenham papel crucial para suprir a demanda por cuidados em países que enfrentam déficits nesse setor, resultados diretos – porém não exclusivos – tanto das políticas de retirada do Estado como ofertante destes serviços, das mudanças demográficas em curso, bem como da crescente participação de mulheres no mercado de trabalho formal, particularmente quando nos referimos aos países mais ricos do

globo. Entretanto, essa migração também levanta questões sobre exploração e desvalorização do trabalho, já que amiúde essas trabalhadoras migrantes enfrentam condições de trabalho precárias e falta de reconhecimento de seus direitos trabalhistas.

Além disso, outro aspecto particularmente sensível da questão é a forma como as cadeias globais de cuidado reconfiguram as dinâmicas familiares nos países de origem. Se uma mãe delega o cuidado dos seus filhos à outra mãe, esta, por sua vez, também deve delegar o cuidado dos seus próprios. A ausência das mulheres migrantes nos seus domicílios de origem força a redistribuição das responsabilidades de cuidado entre outros membros da família, geralmente mulheres mais jovens, crianças ou adolescentes (filhas ou irmãs) ou idosas (avós, tias), o que acentua as desigualdades de gênero e de classe, agora de forma intergeracional. Ou seja, a migração de mulheres do Sul Global para o Norte Global gera uma lacuna de cuidados em seus países de origem, fazendo com que a família precise substituir o trabalho de cuidado antes por ela realizado pelo trabalho não-remunerado de parentes, na maioria das vezes mulheres mais velhas ou meninas e adolescentes. Assim nascem as cadeias globais de cuidados, uma ligação de mulheres e famílias de diferentes partes do mundo através do trabalho transnacional de cuidados.

Ademais, a migração para o trabalho de cuidado pode levar à fragmentação familiar e à perda de vínculos afetivos, com consequências psicológicas e sociais duradouras. As mães migrantes também são afetadas por essa separação, encontrando dificuldades para maternar de forma transnacional. De fato, a separação da família agrava as dificuldades da vida típica de migrante e as tarefas de cuidados do trabalho doméstico no país destino costumam intensificar esse sofrimento.

Esse arranjo transnacional revela contradições latentes no sistema econômico sob a forma do acirramento das divisões entre mulheres de diferentes classes, etnias e nacionalidades. O processo conjunto de mercantilização e transnacionalização dos trabalhos de cuidado, que caracteriza as cadeias globais do cuidado, pode aparentemente “resolver” a crise de cuidados no Norte Global. No entanto, o faz à custa de criar uma crise de cuidados no Sul Global: quando mulheres migram internacionalmente para prestar serviços domésticos, elas aumentam a qualidade do cuidado nos Estados receptores enquanto sua própria família padece e a qualidade de vida de seus integrantes piora.

Como desdobramentos para pesquisas futuras, podemos pensar tanto em pesquisas empíricas quanto históricas sobre o tema no Brasil. Introduzir uma dimensão histórica iria revelar como o fenômeno das cadeias globais de cuidado – em pelo menos em alguns aspectos

relacionados como, por exemplo, o fato de a exportação de trabalho de cuidado não remunerado – já ser uma prática no Brasil desde o século XVI, com os casamentos transfronteiriços das chamadas “órfãs do Rei”: “órfãs portuguesas educadas pelo Estado, que deste recebiam dotes [...], com o objetivo de casar-se e constituir famílias nas áreas coloniais para onde eram enviadas” (Amado, 1997, p. 136) (ver ainda Uber, Fleck, 2018 e Ribeiro, 2014). Já a ampliação e o aprofundamento das pesquisas acerca das causas, idiosincrasias e problemas específicos suscitados pelo fenômeno da migração de brasileiras para o Norte Global para desempenharem trabalhos de cuidado permitiria tanto um diagnóstico mais preciso de nossa situação específica sobre esse tema, como comparações entre países. Ambas as abordagens viriam a iluminar facetas até então pouco conhecidas, senão desconhecidas, de nossa realidade acerca dessa questão no passado, presente e futuro.

Referências

AMADO, Janaína. Condenados a viver no Brasil. *Textos de História*, v. 5, n. 1, p. 134-142, 1997.

BENERIA, Lourdes. The crisis of care, international migration, and public policy, *Feminist Economics*, n.14, v.3, 2008, p.1-21. Disponível em: <https://ecommons.cornell.edu/server/api/core/bitstreams/6a070e85-3bb5-43be-b17c-86b4e2b877f6/content>

BRUSH, Barbara L.; SOCHALSKI, Julie. International nurse migration: lessons from the Philippines. *Policy, Politics, & Nursing Practice*, v. 8, n. 1, p. 37-46, 2007. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1527154407301393>

CARLING, Jørgen. Gender dimensions of international migration. *Global Migration Perspectives*, n. 35, 2005, p. 1-28. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/238781225_Gender_Dimensions_of_International_Migration

CARRASCO, Cristina. La Economía Feminista: una apuesta por otra economía. In: VARA, Maria Jesús. (eds.) *Estudios sobre género y economía*. Madrid: Akal, 2006, p. 29-62.

D'SOUZA, Asha et al. *Moving towards decent work for domestic workers: An overview of the ILO's work*. 2010. Disponível em: http://ilo.ch/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---gender/documents/publication/wcms_142905.pdf

ENGLAND, Paula; FOLBRE, Nancy. The Cost of Caring. *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, n. 561, 1998, p. 39-51.

ENLOE, Cynthia. *Bananas, beaches and bases: Making feminist sense of international politics*. Berkeley: Univ of California Press, 2014.

FERNANDEZ, Brena. Economia feminista: metodologias, problemas de pesquisa e propostas teóricas em prol da igualdade de gêneros. *Brazilian Journal of Political Economy*, v. 38, p. 559-583, 2018.

FERNANDEZ, Brena. Teto de Vidro, Piso Pegajoso, e as Desigualdades de Gênero no Mercado de Trabalho Brasileiro à luz da Economia Feminista: por que as iniquidades persistem? *Cadernos de Campo*, n. 26, p. 79-103, 2019.

FERNANDEZ, Brena. Avanços e retrocessos da participação feminina no mercado de trabalho brasileiro nas décadas de 1920/40/50. *Revista Brasileira de História e Ciências Sociais*, v. 15, p. 136-157, 2023.

FOLBRE, Nancy. Holding hands at midnight: the paradox of caring labor. *Feminist Economics*, v. 1, n. 1, p. 73-92, 1995.

FUDGE, Judy. Global care chains: Transnational migrant care workers. *International Journal of Comparative Labour Law and Industrial Relations*, v. 28, n. 1, 2012. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=https://www.ials.net.org/wp-content/uploads/2015/08/FudgeCanada.pdf&ved=2ahUKEwiLicfy9v6FAxUprJUCHcNOC0QFnoECBQQAQ&usq=A%200vVaw0aDIWBYMfvOTtyjtUd0Oik>

GAMMAGE, Sarah. Global migration and care chains. In: *The Routledge Handbook of Feminist Economics*. Routledge, 2021. p. 225-233.

GORFINKIEL, Magdalena. El Mercado de trabajo de los cuidados y la creación de las cadenas globales de cuidado: ¿cómo concilian las cuidadoras, *Cuaderno de Relaciones Laborales*, n.26, v.2, 2008, p.71-89. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/CRLA/article/view/CRLA0808220071A/32256>

HIMMELWEIT, Susan. The Discovery of Unpaid Work: the social consequences of the expansion of “Work”. *Feminist Economics*, v. 1, n. 2, p. 1-19, 1995. Disponível em: <https://oro.open.ac.uk/89788/1/06FOCR.pdf>

HIRATA, Helena. Teorias e Práticas do care: estado suscito da arte, dados de pesquisa e pontos de debate. In: FARIA, Nalu; MORENO, Renata. *Cuidado, Trabalho e Autonomia das Mulheres*. São Paulo: SOF, 2010.

HOCHSCHILD, Arlie Russell. The nanny chain. *The American Prospect*, v. 11, n. 4, p. 32-36, 2001.

HOCHSCHILD, Arlie Russell. Hochschild, Arlie Russell. Global care chains and emotional surplus value. In: ENGSTER, Daniel; METZ, Tamara (eds.). *Justice, politics, and the family*. New York: Routledge, 2014, p. 130-138. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/485914004/Hochschild-Arlie-Russell-2000>

KOFMAN, Eleonore. Gender and migration. In: CHRISTOU, Anastacia; KOFMAN, Eleonore (eds.) *Handbook on Gender in World Politics*. London: Edward Elgar Publishing, 2016. p. 362-369. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=iyjEAAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>

LUTZ, Helma. Domestic work. *European journal of women's studies*, v. 14, n. 3, p. 187-192, 2007. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1350506807079009>

MARINUCCI, Roberto. Feminização das migrações. *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 29, p. 1-14, 2007. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Roberto-Marinucci/publication/338825915_FEMINIZACAO_DAS_MIGRACOES/links/5e2ca285a6fdcc70a14bcf70/FEMINIZACAO-DAS-MIGRACOES.pdf

MOUSINHO, Amanda Arrais. *Au pairs brasileiras e suas rotas desviantes: história oral e vidas móveis*. 2019. *Tese de Doutorado*. Universidade de São Paulo.

NELSON, Julie. Of Markets and Martyrs: Is it ok to pay well for care? *Feminist Economics* v.5, n. 3, 1999, pp. 1-17.

NELSON, Julie; POWER, Marylin. Ecology, Sustainability, and Care: Developments in the field. *Feminist Economics*, n. 24, v.3, p. 80-88, 2018.

OLIVEIRA, Bruna. *Imigração brasileira nas Cadeias Globais de Cuidado: um estudo sobre Au Pairs brasileiras na Holanda. Tese de Doutorado em Sociologia*. Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/17928/Tese%20Bruna%20Padilha%20de%20Oliveira.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

OXFAM. *Tempo de Cuidar: o trabalho de cuidado não remunerado e mal pago e a crise global da desigualdade*. Oxford: Oxfam Internacional, 2020. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/publicacao/tempo-de-cuidar-o-trabalho-de-cuidado-nao-remunerado-e-mal-pago-e-a-crise-global-da-desigualdade/>

PARREÑAS, Rhacel. *Servants of globalization: Migration and domestic work*. Stanford University Press, 2015. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=sCcoCgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PR7&dq=domestic+work%20+migration&ots=FILu0UpneV&sig=6AglqDKPNXGnwpjiV114CTKllsg#v=onepage&q=domestic%20work%20+migration&f=false>

PÉREZ OROZCO, Amaia. *Global care chains Toward a rights-based global care regime?* Santo Domingo: United Nations International Research and Training Institute for the Advancement of Women, 2010. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/309669828_Global_care_chains_Toward_a_rights-based_global_care_regime

PETTMAN, Jindy; HALL, Lucy. Migration. Laura J. Sherpard (ed). *Gender Matters in Global Politics: A Feminist Introduction to International Relations*. London: Routledge, 2015.

PICCHIO, Antonella. El trabajo de reproducción: tema central em el análisis del mercado laboral. In: BORDERIAS, C.; CARRASCO, C.; ALEMAY, C.; (ed.) *Mujeres y el Trabajo. Ruptura conceptuales*. Madrid: Icaria, pp. 451-502, 1994.

QUEK, Kaye. *Marriage Trafficking: women in forced wedlock*. London: Routledge, 2018.

RAI, Shirin M.; HOSKYNS, Catherine. Social reproduction—the Achilles heel of feminist transformation? In: *Handbook on Gender in World Politics*. Edward Elgar Publishing, 2016. p. 394-402.

REDONDO, Michelle Franco. Au pair: trabalhadora do cuidado ou trabalhadora doméstica? *Revista Ciências do Trabalho*, n. 25, 2024.

RIBEIRO, Bruna. Cativas, degredadas e aventureiras: mulheres na colonização latino-americada. *Dissertação Mestrado em Linguagem Literária e Interfaces Sociais: estudos comparados*. Unioeste, 2014.

RODRÍGUEZ ENRÍQUEZ, Corina. Economía Feminista y Economía del Cuidado: aportes conceptuales para el estudio de la desigualdade. *Revista Nueva Sociedad*, n. 256, p. 30-44, 2015.

SILVA, Flávia Maria. Trabalho emocional realizado por imigrantes brasileiras cuidadoras de pessoas idosas em Portugal. *Dissertação de Mestrado em Sociologia*, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade de Lisboa, 2021. Disponível em: <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/24463/1/Disserta%20a7%20a3o%20-%20Versao%20Final%20-%20Flavia%20Silva.pdf>

SIQUEIRA, Carlos Eduardo et al. Documento faz diferença: o caso das trabalhadoras domésticas brasileiras em Massachusetts, Estados Unidos. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 32, n. 7, 2016, pp. 1-7. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/RdzdQMRRY7Sc34XgnxwnMBc/?format=html&lang=pt#>

SØRENSEN, Ninna Nyberg; VAMMEN, Ida Marie. Who cares? Transnational families in debates on migration and development. *New Diversities*, v. 16, n. 2, p. 89-108, 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/download/101301210/2014_16-02_07_Sorensen_Vammen.pdf

TORRALBO, Hermínia. Os Cuidados na Migração Transnacional. *Sur - Revista Internacional de Direitos Humanos*, v. 13, n. 24, pp. 43-52, 2016. Disponível em: https://bdjur.stj.jus.br/jspui/bitstream/2011/108496/cuidados_migracao_trasnacional_torralbo.pdf

UBER, Beatrice; FLECK, Gilmei. As Órfãs da Rainha: do discurso histórico para o ficcional. *Interfaces*, v.9, n. 1, p. 69-86, 2017.

ZIMMERMANN, Mary; LITT, Jacquelyn; BOSE, Christine. *Global dimensions of gender and carework*. California: Stanford University Press, 2005.

YEATES, Nicola. Global migration perspectives. *Global commission on international migration*, n. 44, p. 1-20, 2005. Disponível em: https://www.iom.int/sites/g/files/tmzbd1486/files/jahia/webdav/site/myjahiasite/shared/shared/mainsite/policy_and_research/gcim/gmp/gmp44.pdf